

clusive, em reunião, ocorrida em 17 de novembro de 2015 com o Diretor desta Faculdade, Professor Doutor Fernando Gonzaga Jayme, foi solicitado:

1) a lotação de mais um Servidor Técnico-Administrativo (concurado) para este Colegiado – isso, além de possibilitar o adequado andamento das tarefas, evitaria o hoje necessário fechamento do setor em situações de ausência do Secretário, seja por motivo de férias, licença, treinamentos, além de outros agravantes, tais como: maior acúmulo de trabalho, perdas de prazos, prejuízo no atendimento ao público interno e externo;

2) a contratação (para complementação do quadro) de um menor da Cruz Vermelha e de uma recepcionista terceirizada, visando um melhor atendimento ao público interno e externo.

Finalmente, é importante salientar que o curso de Ciências do Estado é uma oportunidade ímpar para a Faculdade de Direito se renovar, através de uma dinâmica pedagógica diferente daquela que ocorre no curso Direito, com aporte de novos saberes e de novas linhas de pesquisa.

ESTÁGIO DE DOCÊNCIA EM CIÊNCIAS DO ESTADO: DIRETRIZES, MEMÓRIAS E VIVÊNCIAS

Pedro Augusto Gravatá Nicoli,
Bernardo Supranzetti de Moraes,
Rodrigo Badaró de Carvalho,
Júlia Ávila Franzoni,
Sandrelise Gonçalves Chaves

RESUMO

O presente artigo propõe relatar experiências vividas pelos estagiários docentes do curso de Ciências do Estado ao longo dos seus anos de existência. Os ricos relatos deste artigo é uma fonte histórica de experiências e vivências de uma das peças mais importantes para a consolidação do bacharelado em Ciências do Estado.

PALAVRAS-CHAVE: Estágio docente; Ciências do Estado; Pós-Graduação.

1 NOTAS INTRODUTÓRIAS

Relato de Pedro Augusto Gravatá Nicoli¹.

O bacharelado em Ciências do Estado da Universidade Federal de Minas Gerais tem inscritas em seu tecido constitutivo experiências inovadoras em matéria de interação entre docência e discência, em sede de graduação e pós-graduação. Desde sua concepção e implementação, no contexto do Programa de Apoio a Planos de Reestru-

¹ Professor Adjunto da Faculdade de Direito e Ciências do Estado da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). É Doutor, Mestre e Bacharel em Direito pela UFMG. Concluiu Pós-Doutorado (2015) junto ao Programa de Pós-Graduação em Direito da UFMG, com bolsa CAPES/PNPD. Esteve em temporada de pesquisas junto ao Collège de France, como parte de um programa de Doutorado-Sanduiche no Exterior, com bolsa da CAPES. Foi pesquisador visitante na Organização Internacional do Trabalho, no Instituto de Estudos Avançados de Nantes e na Universidade de Estrasburgo. Foi bolsista CAPES/REUNI e atuou como estagiário de docência nas equipes da graduação em Ciências do Estado nos anos de 2012, 2013, 2014 e 2015.

turação e Expansão das Universidades Federais – REUNI, a graduação em Ciências do Estado incorporou o desafio de refletir sobre e transformar as estruturas acadêmicas, implantando dinâmicas inovadoras também em matéria de iniciação à docência. A figura do *estágio de docência* colocou-se, aqui, com um dos principais vetores dessa nova matriz de interação, marcando em definitivo o perfil dos atores acadêmicos envolvidos. Professoras e professores, alunas e alunos, tanto de pós-graduação quanto do bacharelado, foram fortemente marcados pelos estágios, em sua estruturação, implementação, acompanhamento e aproveitamento. Não que as experiências em iniciação à docência e integração com Programas de Pós-Graduação sejam uma novidade absoluta. A forma, contudo, como os estágios de docência foram centralizados na dinâmica das graduações REUNI e, destacadamente, em Ciências do Estado, produz experiências inovadoras, recontadas, aqui, por meio das memórias de estagiárias e estagiários de docência que reconstituem (e transbordam) muitos dos sentidos institucionais imaginados para tal modalidade de iniciação à docência.

Optou-se, aqui, por uma coletânea livre de relatos produzidos por algumas estagiárias e estagiários de docência no bacharelado em Ciências do Estado, na expectativa de que este mosaico de vivências possa (re)conectar as expectativas acadêmicas e institucionais aos sentidos experimentados no dia-a-dia das salas de aula da UFMG. Esta recolta de itinerários de formação acadêmica e de transformação pessoal visa compreender o que são, para que servem e para onde vão os estágios de docência, no arco amplo de suas dimensões estruturais e de seus sentidos vividos.

Antes, contudo, de adentrar o universo descortinado por essas memórias, algumas notas introdutórias sobre a posição no estágio de docência no Programa REUNI ajudam a compreender a importância e dimensão desta experiência para o curso de Ciências do Estado. Desde sua instituição, pelo Decreto 6.069 de abril de 2007, o Programa REUNI estabeleceu para si, como diretriz estrutural, a “revisão da estrutura acadêmica, com reorganização dos cursos de graduação e atualização de metodologias de ensino-aprendizagem, buscando a constante elevação da qualidade”. Para tanto, ainda em suas diretrizes fundantes, elegeu a “articulação da graduação com a pós-graduação” como plataforma essencial de inovação. Conceitualmente, portanto, a própria ideia de estágios de docência materializa tal conexão pretendida pelas graduações REUNI.

Em se tratando da Faculdade de Direito e Ciências do Estado da UFMG, o Programa de Pós-Graduação em Direito detalhou sua compreensão sobre as funções de tal estágio na vida dos pós-graduandos, ao estabelecer atribuições como a ministração supervisionada de aulas teóricas e práticas, a orientação de iniciativas de extensão, a participação na elaboração de textos didáticos, exercícios, provas ou avaliação parcial de conteúdos programáticos, teóricos e práticos, além de aplicação de métodos ou técnicas pedagógicas, seminários, estudos dirigidos e equivalentes². E tudo isso delineou o próprio perfil do bacharelado em Ciências do Estado.

A figura do estágio de docência, note-se, não é exclusividade das graduações REUNI. Contudo, a posição que ela assume na condução das atividades docentes das novas graduações lhe amplia e renova os sentidos. No caso da Faculdade de Direito e Ciências do Estado, por exemplo, para cada disciplina de graduação em Ciências do Estado, algum aluno de Pós-Graduação deveria acompanhar o professor designado nas atividades docentes, avançando, assim, na sua própria formação como pesquisador e futuro professor.

Nas atividades desempenhadas, estagiárias e estagiários se tornaram, ainda, atores centrais na dinâmica de sala de aula. O certo hibridismo de identidade que os marca – como alunos e professores em formação – viabilizou a constituição de canais de comunicação permanentes com os graduandos em Ciências do Estado e com os professores designados para as cadeiras de graduação. A plataforma de confluência que o estágio de docência se torna proporciona, então, a consolidação de aberturas epistemológicas que foram vitais para a constituição da própria identidade acadêmica da graduação em Ciências do Estado. Da mesma forma, para o Programa de Pós-Graduação, os benefícios evidentes de uma formação docente multidisciplinar e as possibilidades de complementação da pesquisa de pós-graduandos completam o quadro no qual se concebem os estágios.

O tema das aberturas disciplinares, aliás, coloca-se de maneira especialmente importante no contexto acadêmico no qual se cria a graduação em Ciências do Estado. Inserido em uma das mais tradicionais Faculdades de Direito do país, o novo bacharelado abriu dimensões para as possibilidades de pesquisa e docência na instituição como

² Cf. Resolução n. 01/2008 do Programa de Pós-Graduação em Direito da UFMG. Disponível em: <<http://www.pos.direito.ufmg.br/docs/res0012008.pdf>> Acesso em: Novembro de 2015.

um todo. E, não é demais dizer, muito disso se deu justamente por conta dos estágios de docência, ao aproximar alunas e alunos da Pós-Graduação em Direito dos universos temáticos das Ciências do Estado. À oxigenação imediata que os estágios puderam representar, somou-se a formação de quadros voltados àquela própria graduação em consolidação. A presença de um número significativo de egressos das primeiras turmas do bacharelado em Ciências do Estado no Programa de Pós-Graduação em Direito (muitos dos quais, agora, também estagiários de docência) confirma os efeitos em escala que a iniciativa pôde e ainda pode gerar.

É certo que muitos desses benefícios associaram-se a iniciativas de valorização do estágio de docência, como as bolsas CAPES/REUNI e, posteriormente, as complementações mantidas pela própria UFMG. Associadas necessariamente à realização de estágios junto às graduações REUNI, tais incentivos tiveram enorme impacto para a consolidação dos avanços acadêmicos do curso de Ciências do Estado, do Programa de Pós-Graduação em Direito e da Faculdade como um todo.

É evidente que o círculo dos estágios de docência não poderia ser apenas virtuoso. Desajustes foram igualmente experimentados. Estágios de docência subaproveitados, por falhas de parte a parte, extrapolação dos limites do estágio, assunção de funções não supervisionadas de docência, abusos e não reconhecimento das funções fizeram também parte do itinerário. O que diferencia, contudo, o tratamento dessas questões no Ciências do Estado é a sua metabolização reflexiva e propositiva. Eventuais desacertos, aqui, tornam-se plataformas de crítica profunda e mesmo de resistência, como no caso da demanda de consideração de tempos de docência.

Em resumo, os estágios de docência na graduação em Ciências do Estado se afirmaram progressivamente como zona de integração, contribuindo fortemente para a consolidação do novo bacharelado em suas conexões dentro da unidade. Fez, com o passar dos semestres, importantes pontes e inscreveu nas rotas de pesquisa, ensino e extensão da Faculdade o temário das Ciências do Estado. Estagiárias e estagiários, nesse contexto, tornaram-se atores de propagação de esforços integrados e interdisciplinares de debate e desenvolvimento acadêmico. A figura do estágio de docência é, enfim, um espaço de inquietação permanente, em que se inter cruzam demandas e percepções, nos processos formativos que alimentam o contínuo disciplina/docência.

O futuro dos estágios de docência junto à graduação em Ciências do Estado não foge à regra do que marcou a consolidação daquele bacharelado. “Resistir e consolidar”, que outrora já foram palavras de ordem nas demandas do curso, parecem pertinentes também para a avaliação dos destinos dos estágios. A luta pelas bolsas e sua complementação, a consideração e reconhecimento de horas em formação na docência, o aperfeiçoamento de mecanismos de interação e supervisão de estágios, entre tantos outros temas, povoam o devir da questão. A coletânea de experiências pessoais e de itinerários de formação de pesquisadores e docentes ora apresentada se coloca, então, como registro histórico e como enunciadora de horizontes possíveis. Experiências transformadoras, emocionais e emancipadoras que, espera-se, possam contribuir para que a preparação representada pelos estágios de docência seja a mais plural possível.

Para encerrar estas notas introdutórias com o tom que marcará os textos que se seguem, deixo meu breve relato. Em incontáveis tardes entre os anos de 2012 e 2015, na rica interação com os bacharelados em Ciências do Estado e com os docentes daquela graduação, consolidou-se em mim um chamado ao magistério. Ainda que tenha vivido outras experiências de docência, a forma como os estágios que fiz atuaram sobre minhas percepções acadêmicas tem outras proporções. Ali, em uma graduação que se fez permanentemente aberta ao debate, alimentadora da reflexão e sedenta pela integralidade da experiência acadêmica, pude perceber as reais dimensões da docência. Agora, já Professor Adjunto na Faculdade de Direito e Ciências do Estado da UFMG, não me resta dúvida alguma: muito do que sou e serei como acadêmico são os desdobramentos dos processos de iniciação ali vividos. E, além da enorme gratidão às muitas alunas e alunos que me acolheram, professoras e professores que me orientaram e à própria UFMG, fica um desejo sincero. Que os estágios de docência se fortaleçam, se aperfeiçoem, se consolidem e sejam, enfim, um espaço permanente de confluência e formação acadêmica e humana.

2 UMA VOCAÇÃO

Relato de Bernardo Supranzetti de Moraes³.

No ano de 2009, um jovem aluno do Ensino Médio foi ao Campus da UFMG para a já tradicional “Mostra das Profissões”. Com dúvidas sobre as carreiras que as Ciências Humanas e Sociais Aplicadas oferecem, algo ali no meio de tantos cursos de graduação se destacou para aquele adolescente. Vislumbrado com o que tinha acabado de ler em uma placa que estava colada na parede, o jovem logo se direcionou para o local onde o aviso indicava.

Ao chegar lá, este jovem encontrou os alunos da primeira turma do curso de graduação em Ciências do Estado. Entusiasmados com um bacharelado tão novo, os recém ingressados não pouparam energias para falar sobre a graduação e como as Ciências do Estado traziam uma nova perspectiva no plano acadêmico e uma visão diferenciada sobre a sociedade. A partir daquele momento, aquele menino de 16 anos tinha feito a sua escolha profissional.

O que chamou tanto a sua atenção na placa feita de papel A4, escrita à mão, colada na parede da UFMG? Apenas uma pergunta: “Você quer mudar o mundo?”

Com esta mensagem em mente, ingressei no curso de Ciências do Estado em 2011, querendo mudar a realidade que observava ao meu redor. Foram muitas as experiências que vivi com meus colegas, professores e estagiários docentes. Todas, positivas e negativas, me fizeram crescer como ser humano e como profissional.

Desde o primeiro contato com a sala de aula na Faculdade, me admirava a figura daquele ser que nos transmitia o conhecimento, o professor. Via naquele profissional uma forma efetiva de mudar o mundo. Todavia, não era todo o planeta que ele estava tentando ajudar, mas sim, a pequena humanidade ao seu redor, que eram os seus alunos.

Passei os quatro anos da graduação pensando em formas de como alcançar aquele objetivo profissional. Sabia que para ser professor universitário era necessário não apenas muito estudo e dedicação, mas também era necessário ser generoso e ter

³ Graduado em 2014 no bacharelado em Ciências do Estado. Atualmente, é mestrando em Direito pela UFMG (bolsista CAPES/DS) e orientado pelo Prof. Marcelo Maciel Ramos.

propósitos firmes de fazer o bem ao próximo. Comumente, estas palavras e frases são vazias, vemos elas nos jornais, na TV, revistas, internet e por todos os lados. Porém, nesta profissão, estava claro para mim, a vontade de mudar a realidade que me acerca.

Construí tais ideais a partir dos meus professores, que eram verdadeiros exemplos. Queria não apenas ser um bom profissional como eles, mas um grande colaborador da humanidade. Com tais objetivos como foco, formei em 2014 em Ciências do Estado e logo entrei na Pós-Graduação, tendo em vista o mestrado.

No ano de 2015, como mestrando da Faculdade de Direito e Ciências do Estado da UFMG, tive a oportunidade de começar a viver aquela carreira que tanto almejava. Pude ver que ser estagiário docente do curso é uma enorme responsabilidade, mas é extremamente gratificante ver que já comecei a mudar positivamente a realidade de cada um, de cada aluno aberto ao saber. Ter esta chance de colaborar como docente com o curso que formei é uma vitória. Ajudar a construir o curso como aluno e como estagiário se mostra como um grande campo experimental, onde somos testados a todo momento. Além disso, percebi que estava atendendo à uma vocação que se mostrou no início, na visita à “Mostra das Profissões”.

O que vivemos em sala de aula é uma experiência ímpar. O fato de também sermos alunos, faz com que a aproximação com o futuro bacharel em Ciências do Estado seja mais descomplicada. É criada uma relação estreita entre as duas partes, na qual o aluno e estagiário docente possam aprender mutuamente. Parece clichê, mas quando manifestamos que aprendemos mais com os alunos do que com qualquer livro, é sincero. Existe uma troca de saberes, e o aluno se torna uma peça chave para contribuir na pesquisa do pós-graduando e, concomitantemente, o estagiário tem plenas capacidades de oferecer seus conhecimentos para os alunos tornarem-se os profissionais que desejam.

Uma das coisas que mais alegra o ser é se sentir útil para o outro e a oportunidade de que o estagiário docente tem de viver isso tão cedo já o faz experimentar como é mudar o mundo e como é atender à uma vocação que até então estava apagada. Ao mesmo tempo, não existe um resultado tão gratificante quanto ver que nós fomos capazes de mudar a realidade de alguém, que o ajudou efetivamente a evoluir como ser humano.

Nas próximas páginas, o leitor terá a oportunidade de conhecer alguns ensaios realizados por estagiários docentes do curso de Ciências do Estado e poderão enxergar a riqueza que é ter esta oportunidade na vida profissional.

Dedicamos todo o texto àqueles que nos inspiram e nos motivam todo dia a mudar o mundo: nossos alunos.

3 A DOCÊNCIA COMO CIENTISTA DO ESTADO

Relato de Rodrigo Badaró de Carvalho⁴.

Com o curso de Ciências do Estado, no qual também pude me formar no ano de 2012, tive a primeira experiência docente da minha ainda iniciante trajetória docente. Ali, durante o mestrado, pude dar os primeiros passos e passar pelos primeiros conflitos que são constitutivos da carreira de qualquer professor. A proposta inovadora do curso – sobretudo com a utilização exaustiva da metodologia de seminários – me forneceu uma preparação ainda mais interessante e consistente, uma vez que esse tipo de metodologia exige do professor, ou do estagiário docente que está exercitando essa função, uma capacidade de organização das turmas e, sobretudo, um preparo para lidar com o imprevisível. Se é verdade que esse deveria ser um traço comum de qualquer processo de ensino/aprendizagem, é igualmente verdade que tais processos não se verificam em grande parte dos cursos, nos quais predomina estruturas extremamente fechadas, em que aulas idênticas são repetidas para as mais diversas turmas. Nesse contexto, a experiência no curso de Ciências do Estado se torna ainda mais rica, posto que força uma construção mais horizontal do conhecimento e, fazendo isso, acostuma os estudantes a desde cedo terem um posicionamento crítico e participativo com relação aos temas estudados.

A relação dos estagiários docentes com os estudantes assumiu, tanto na minha experiência quanto naquela percebida pela vivência de outros colegas, diferentes facetas. Há professores que lidam com os estagiários de docência de forma mais pontual,

⁴ Graduado em Ciências do Estado pela UFMG, Mestre em Direito pela mesma instituição, sob orientação do Prof. Marcelo Andrade Cattoni de Oliveira

entendendo o processo de estágio docente como de aprendizado que pode se dar, em grande medida, pelo próprio acompanhamento das aulas. Nesses casos, normalmente, cabe ao estagiário docente a condução de pouquíssimas aulas durante as disciplinas, com e/ou sem o acompanhamento do Professor.

Há outros professores, no entanto, que compreendem que esse processo de aprendizagem docente se dá pelo próprio exercício docente, trabalhando, portanto, com uma situação de maior autonomia para os estagiários docentes.

Em ambos os casos é possível aprender bastante sobre a atividade docente. Há um traço comum, no entanto, que se apresenta nas diferentes experiências docentes: a relação próxima com os discentes. A condição de Estagiário Docente, mesmo quando se exerce a atividade docente com maior autonomia, aparentemente cria uma sensação de maior liberdade por parte dos discentes. Embora respeitando os Estagiários em sua condição de Docente, alguma identificação na situação comum de discentes (de graduação e de pós-graduação) parece ser um elemento fundamental para compreender essa identificação e aproximação entre estagiários docentes – discentes.

Por causa disso, a minha pesquisa do Mestrado foi muito beneficiada por minha atuação no curso de Ciências do Estado. Especialmente pelo fato de ter me graduado no curso, os pontos trabalhados na dissertação tinham grande conexão com disciplinas da grade curricular obrigatória e optativa do curso. A título de exemplo, as disciplinas Direito Econômico do Planejamento; Pensamento Político-Jurídico brasileiro; Tópicos em História Política e Constitucional do Brasil; História e Teoria da Constituição Brasileira e a disciplina introdutória, Seminários de Capacitação Metodológica, me permitiram fazer conexões imediatas entre a minha atividade de estagiário docente e a pesquisa realizada. Dessa forma, penso que as reflexões feitas na pós-graduação (não só na minha pesquisa propriamente, mas também naquelas que estão ligadas à minha linha de pesquisa) podiam ser transmitidas aos estudantes da graduação. À medida em que essas pesquisas se disseminam, maior é a necessidade de tentar expressá-las claramente, para se fazer entender por diferentes públicos, e maiores são as críticas pelas quais as construções têm que passar. Assim, pois, o compartilhamento dessas pesquisas com os estudantes da Graduação em Ciências do Estado representava, e ainda representa, um importante passo no processo de amadurecimento dessas pesquisas.

Minha carreira docente se encontra ainda nos primeiros estágios de sua construção. Nesse sentido, é difícil avaliar a contribuição dada pela experiência docente no curso de Ciências do Estado nessa dimensão. Mas hoje, na projeção do que poderá ser esta carreira, a experiência docente em Ciências do Estado tem um papel muito importante. Foi ali, com o estágio docente, que um projeto de vida e de carreira se consolidou. Assim, se hoje planejo uma carreira acadêmica, na qual a docência tem peso fundamental, essa convicção se deve à própria prática docente desenvolvida no curso de Ciências do Estado durante o Mestrado em Direito (2013-2015).

Tendo sido também formado no curso de Ciências do Estado, tenho forte ainda a lembrança daqueles pós-graduandos que, à época, me deram aula na condição de estagiários de docência, muitos dos quais hoje são professores em diferentes Universidades. Mais que a lembrança, percebo hoje que muitos deles foram fundamentais para a minha formação, tanto no que diz respeito aos conteúdos programáticos das disciplinas e as diversas discussões travadas durante o curso, mas também em questões que iam para além do conteúdo das disciplinas. Nesse sentido, a minha escolha pelo caminho acadêmico tem grande relação com os diálogos e conselhos ouvidos por aqueles que foram meus mestres, mesmo que muitos deles ainda sequer tivessem esse título.

O agradecimento por essa ajuda faço sempre que possível, mas tenho comigo uma certeza: a melhor maneira de agradecer aos que me auxiliaram em minha trajetória é retribuir auxiliando àqueles que hoje eu posso dar alguma ajuda semelhante a que me foi dada. Assim, pois, essa se transformou em uma espécie de missão que carrego comigo e que dá grande sentido à minha trajetória, ainda hoje muito ligada ao curso de Ciências do Estado.

4 O ENTREMEIO DA SALA DE AULA

Relato de Julia Ávila Franzoni⁵.

O entremeio é onde a velocidade dos processos aumenta, é um lugar de pas-

⁵ Doutoranda em Direito da UFMG, bolsista CAPES/DS e estagiária docente no curso de Ciências do Estado desde abril de 2014 e orientanda da Professora Miracy Gustin.

sagem que põe cara a cara as contradições dos desejos e das possibilidades. A experiência docente nesse entre-lugar de professora-aluna no Curso de Ciências do Estado da UFMG tem sido para mim uma oportunidade intensa de rearticular os anseios desta discente de doutorado com os desafios contínuos da prática docente. Nesse lugar que é "entre", lidamos mais com entradas e saídas, que vem e voltam, do que com fim e começos determinados. Chega o novo curso, com novas turmas e alunos colocando em questão outra forma de compreender o Estado, as políticas públicas, os direitos e suas relações com os diferentes modos de vida; partem (ou quero que partam) modelos senis de ensino, as metodologias empoeiradas de aulas unidirecionais e o cárcere da sala de aula. Nesse atravessamento confuso em que o novo ainda velho se coloca, aos poucos, claro que é de outra universidade que estamos a tratar: qual é o espaço da universidade? Qual seu lugar na transformação social? De quem é seu território? Sem correr o risco de nos apaixonarmos por nós mesmos, estando certa de que os conflitos no espaço universitário que a experiência docente no Ciências do Estado trás aponta para obscurantismos estruturais e, oxalá, livrai-nos do mal, fato é que, nesses quase dois anos cercada por alunos do primeiro, terceiro, sexto e oitavo ano só posso dizer que a vontade de resistir e pensar outras universidades já está aí.

Não foi à toa que, após um ano de estágio docência, em 2014, vivenciando com os alunos os temas do direito à cidade, a função social do urbano e os instrumentos de efetivação dos direitos no território, surgiu a ideia de trazer minha experiência de pesquisa, extensão e militância para a sala de aula. Como pesquisadora do Grupo de Pesquisa Indisciplinar (<http://blog.indisciplinar.com/>), grupo atuante na cartografia dos conflitos territoriais em Belo Horizonte, já desenvolvia diversas dinâmicas de extensão e formação com alunos bolsistas do Grupo. Foi aí que, em parceria com a Professora Maria Fernanda, amiga e simpatizante do Indisciplinar, surgiram as ideias de trabalhar com os alunos do primeiro ano de curso, na disciplina Introdução à Ciência do Direito e do Estado, a cartografia de vazios urbanos como estratégia de reflexão sobre o Estado de Direito e suas armadilhas territoriais. E como fizemos isso?

A aposta da disciplina foi misturar ensino, pesquisa e extensão na tentativa de aproximar os alunos da experiência concreta do espaço estatal na cidade, num ambiente de questionamento das políticas públicas e de debate sobre suas recriações. A

partir de um trabalho de campo para cartografar vazios urbanos, públicos e privados, no hipercentro da cidade de Belo Horizonte, os alunos construíram relatos para descrever os imóveis, o tempo de vacância, sua história social e institucional, fizeram entrevistas, vídeos, imagens e, por fim, elaboraram propostas de ocupação que dialogavam com o entorno socioespacial do terreno. Essa dinâmica de campo se encontrava com a sala de aula por meio do debate teórico sobre os elementos tradicionais do Estado de Direito moderno, povo, soberania e território, que eram sistematicamente desestabilizados por provas nossas, dos alunos e dos textos. O intuito da empreitada era que o fio condutor das armadilhas territoriais do Estado permitisse uma dinâmica de aprendizado que misturasse outras abordagens metodológicas e, ao mesmo, questionasse, de forma contundente, as unidades sagradas da ideia de nação, propriedade privada e indivíduo abstrato.

A parceria com o Grupo de Pesquisa Indisciplinar foi crucial para que a jornada rumo ao centro – descentrando-nos da sala de aula – desse certo. Com o apoio dos bolsistas do grupo, estudantes da Escola de Arquitetura, Caio, Nuno e Taís, nossos alunos foram apresentados aos ao Projeto de Pesquisa de Cartografia dos Vazios *Em breve Aqui* (EBA)⁶, e ouviram explicações e discutiram sobre a ferramenta tecnopolítica de cartografia – o *crowdmap* – (<https://embreveaqui.crowdmap.com/>), e conversaram sobre as ferramentas e táticas de ida a campo e preenchimento dos relatos. Além da ida dos alunos da Arquitetura à Faculdade de Direito e Ciências do Estado, os nossos

⁶ O **EmBreveAqui** busca identificar vazios na RMBH (lotes, terrenos, áreas residuais de infraestrutura urbana, imóveis desocupados, etc.) e ocupá-los com idéias. Esta base operacional se conecta com disciplinas de graduação para receber propostas e idéias que ocupem, não apenas com projetos arquitetônicos e paisagísticos, mas principalmente, com políticas públicas focadas em três áreas de planejamento metropolitano que estão sempre à margem das prioridades de governo e dos interesses de mercado: agricultura urbana; moradia/habitação de interesse social; lazer e cultura. Temos como ações:

1. Mapear na plataforma Crowdmap áreas não edificadas, áreas edificadas, patrimônio histórico, áreas residuais e superfícies, que estejam vagas/sem uso, na RMBH e propor intervenções/ocupações destinadas ao lazer, cultura, agricultura urbana e/ou moradia.
2. Coletar propostas de projetos desenvolvidos nas Escolas de Arquitetura e Urbanismo e divulgá-los/publicá-los no mapeamento;
3. Criar oficinas e workshops com associações de bairros, comunidades e movimentos sociais que possam tanto denunciar áreas e superfícies de interesse coletivo quanto discutir propostas de ocupações para essas áreas;
4. Criar oficinas, concursos e workshops que poderão propor ocupações para as áreas mapeadas.

Mais informações em: <http://embreveaqui.indisciplinar.com/>

alunos também tiveram a oportunidade de ir à Escola de Arquitetura para terem aula no Laboratório Radamés, com intuito de aprender a operar a plataforma.

Houve, ainda, durante o curso, a participação de Professor-convidado, Thiago Hoshino, radicado no Paraná, que trabalhou com os alunos texto básico da disciplina, “O Leviatã Engasgado”, de sua autoria. Os alunos puderam ouvir, aprender e debater com o autor em tempo real, aproximando as discussões que já trazíamos a partir do espaço urbano para os territórios tradicionais, indígenas e quilombolas.

Ao final do semestre, a Professora Maria Fernanda e eu fizemos duas aulas de apresentação das experiências e dos trabalhos, sugerindo que os alunos discutissem também os temas trabalhados nos textos e em sala. A grata certeza de que os trabalhos seriam criativos e muito bem elaborados não diminuíram minha felicidade em ver os alunos relatando a relação entre a política de produção do espaço e manutenção de vazios, com a desigualdade de acesso à cidade e aos direitos. A avidez dos alunos em investigar as irregularidades e as causas do abandono em diversos imóveis contribuiu para alimentação do banco de dados da Pesquisa do EBA, que é usado como ferramenta de incidência nos órgãos públicos municipais. E, ainda, os ímpetus criativos e sensíveis, trouxeram para sala de aula diversas formas de ocupações imaginadas para espaços como um centro de apoio para prostitutas, catadores de material reciclável, centro cultural popular, bibliotecas, dentre outros.

Dos alunos, tivemos os melhores retornos possíveis e, claro, para nós, foi um semestre de muito aprendizado, trabalho, afeto e alegria.

Pensando cá comigo, frente a minha pesquisa de tese sobre o giro espacial na teoria do direito, a partir de lutas territoriais urbanas, as aulas com a turma de primeiro ano foram um alento na aposta de tirar o direito (a universidade, os professores, nós mesmos) da transcendência e lançá-lo nos espaços radicais da experiência.

Tanto o foi que estamos repetindo a dose. Neste segundo semestre, a Professora Maria Fernanda e eu, retomamos a parceria com o Indisciplinar para trabalhar, na disciplina de Filosofia Social, a discussão entre os espaços públicos e a produção de vazios. Por meio da cartografia de espaços públicos centrais, a Praça da Estação e a Praça Sete, os viadutos Santa Tereza e Floresta e os prédios da Faculdade de Direito e Ciências

do Estado e da Escola de Engenharia da UFMG, está sendo feita a reflexão sobre o espaço público como esfera pública, como lugar de enfrentamento, resistência e insurgências e como heterotopia. Num momento em que nossa Faculdade passa por um debate profundo sobre sua reterritorialização, confluindo desejos de pluralidade e abertura com os de segurança e privatização e, ainda, a Praça da Estação e o viaduto Santa Tereza são ocupados de forma a dar vida a diversas formas de resistência à gentrificação e homogeneização do centro da cidade, a ida a campo dos alunos e nossas discussões em sala são momentos de encontro para que as dinâmicas de ensino e extensão se atualizem com os desafios concretos que nos tocam diariamente.

Neste semestre, os alunos Caio e Nuno, bolsistas do Indisciplinar, foram à nossa Faculdade dar uma aula sobre cartografia e vazios urbanos, apresentar o EBA e problematizar com os alunos de Filosofia Social o que é um vazio e quais as ferramentas de uma tática cartográfica. Eu estava presente e não pude deixar de reparar a fluidez e a harmonia do encontro que se deu muito pela apropriação do Caio e do Nuno de seus trabalhos cotidianos de pesquisa e extensão. Eles foram, nesse dia, excelentes professores. E, quando nossos alunos foram ter aula no laboratório Radamés, na Escola de Arquitetura, para aprenderem a manipular o *crowdmap* do EBA, novamente, Caio os recebeu, para mais uma aula, mais dinâmica e prática, que organizou e ministrou sozinho. Alunos da Escola de Arquitetura, bolsistas com quem trabalho no Indisciplinar, Caio e Nuno são co-autores das minhas tarefas docentes no Curso de Ciências do Estado.

E não podia ser diferente. A experiência do entremeio da sala de aula é a do compartilhamento entre os espaços e as posições de alunos e professores. E, aqui, só tenho a celebrar a convivência com a Professora Maria Fernanda, parceira de ousadias, e a Professora Natacha, líder do Indisciplinar, co-orientadora e a mais entusiasta do fazer-com! O Curso de Ciências do Estado é um lugar de encontro desses desejos que já experimentam e enunciam outras univer-cidades.

Catando os aprendizados, os problemas, as dificuldades e alegrias que tem sido essa experiência docente, faço aqui a confissão do meu gerundismo: aceitar e compartilhar a travessia para ser sendo sempre aluna e professora.

5 OS SEMINÁRIOS DE CAPACITAÇÃO DO 1º SEMESTRE DE 2012: "AQUI APRENDEMOS UNS COM OS OUTROS"

Relato de Sandrelise Gonçalves Chaves⁷.

Gratidão! Só assim posso começar esta carta⁸ escrita para os meus ex-alunos do curso de Ciências do Estado, em especial àquela turma que tive a honra e o prazer em conhecer em março de 2012, o primeiro mês dos quatro semestres nos quais estive junto aos futuros Cientistas do Estado e, sem dúvida, os dois anos mais valiosos da minha trajetória docente. Portanto, ao ler este documento, não espere encontrar um artigo científico nos padrões exigidos pelas normas técnicas, pois se trata da emancipada expressão do meu sentimento àqueles que foram e são essenciais à minha (trans) formação acadêmica e profissional, ao aprimoramento da minha pesquisa de Mestrado e à minha (re)evolução enquanto Ser.

A aprovação no concurso para a bolsa de pesquisa da CAPES/REUNI⁹ possibilitou a minha participação como estagiária docente na Universidade Federal de Minas Gerais, em três cursos de Graduação¹⁰ e em nove disciplinas¹¹, com atuação tanto na estruturação do conteúdo lecionado, como na condução das aulas e na avaliação dos alunos, junto aos tutores (ora mais, ora menos acompanhada). Com certa autonomia, eu pude experimentar a liberdade de desenvolver a docência no trabalho com as turmas

⁷ Mestra em Direito e Justiça pelo Programa de Pós-Graduação em Direito da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Especialista em Consultoria Jurídica Empresarial pela Uniseb Centro Universitário (UniSEB). Graduada em Direito pela Faculdade de Estudos Administrativos (FEAD). Advogada desde dezembro de 2009. Autora do livro "(De)Formação Jurídica – Crítica à Reprodutibilidade Técnica nos Cursos de Direito", publicado pela Editora D'Plácido, em dezembro de 2014.

⁸ Carta escrita para a Revista de Ciências do Estado, edição inaugural intitulada "Trajetórias e Perspectivas", em agradecimento aos meus ex-alunos do curso que me ensinaram a ensinar e me (trans) formavam a cada vez que eu entrava em sala de aula.

⁹ Edital nº 004/2011.

¹⁰ Ciências do Estado, Direito e Relações Internacionais.

¹¹ As disciplinas e os tutores foram os seguintes: Seminário de Capacitação (UNI024), com o Prof. Dr. Rodrigo Almeida Magalhães; Teoria Comparada do Estado (DIP218), com o Prof. Dr. Bruno Wanderley Júnior; Direito E Administração Pública (DIP210), com o Prof. Onofre Alves Batista Júnior; Filosofia do Estado (DIT083), com o Prof. Dr. Andityas Soares de Moura Costa Matos; Elaboração de TCC I (DIR095), com a Profa. Dra. Marcella Furtado de Magalhães Gomes; Direito Internacional Público na Era Global (DIP209), Tópicos em Direito Internacional: Estado e Direito Internacional (DIP225), Estado e Relações Internacionais (DIP208), Direito Internacional Público (DIP021) – disciplina ministrada na Faculdade de Ciências Econômicas (FACE/UFMG), com o Prof. Dr. Fabrício Bertini Pasquot Polido.

e, com isso, eu sentia de forma desvelada a minha responsabilidade na formação dos alunos. A vivência foi instigante e provocadora, sobretudo porque “o ensino” era parte primordial da minha pesquisa no Programa de Pós-Graduação em Direito da UFMG.

No entanto, o maior desafio como estagiária docente ocorreu logo no início de 2012. Naquele semestre, além de acompanhar dois professores em duas disciplinas distintas¹², eu fui designada pela Profa. Dra. Carla Volpini¹³ para organizar e conduzir os Seminários de Capacitação, disciplina do primeiro período do curso de Ciências do Estado. Apesar de ser estagiária docente e, como tal, não poderia assumir oficialmente como coordenadora (a turma de mais de sessenta alunos), na prática, as funções desempenhadas por mim eram de coordenação, tais como a estruturação completa da disciplina, a elaboração das atividades e a avaliação dos discentes¹⁴. Pois logo que recebi o encargo decidi proporcionar aos alunos ingressantes na Universidade uma visão abrangente das várias perspectivas que o curso lhes ofereceria para atuação, por meio de palestras proferidas por profissionais distintos. Para essa missão, eu solicitei à Profa. Carla Volpini o apoio de outras estagiárias docentes e foi quando eu tive a grata oportunidade de trabalhar junto com as colegas de Mestrado, laçanã Lopes e Tayara Lemos, que deram todo o suporte dentro e fora de sala de aula.

Com isso, os Seminários de Capacitação foram minuciosamente (re)criados, com o intuito de proporcionar aos discentes um dos principais diferenciais do curso quando foi planejado: as aulas permitiriam a participação ativa de todos os envolvidos, ao contrário daquele modelo enfadonho de aulas expositivas no qual o professor (finge que) ensina e o aluno (finge que) aprende¹⁵. O objetivo foi introduzir os alunos na metodologia pela qual a construção do conhecimento é efetiva, por meio de discussões sobre os setores público e privado, sobre as empresas, o Estado e as organizações da sociedade civil, escopo do curso.

Assim, os Seminários de Capacitação foram estruturados de forma que nas

12 O Prof. Dr. Bruno Wanderley e o Prof. Dr. Onofre Batista Júnior, nas disciplinas de Teoria Comparada do Estado e Direito e Administração Pública, respectivamente.

13 Coordenadora do curso de Ciências do Estado na época.

14 O Prof. Dr. Rodrigo Magalhães assumiu a disciplina formalmente, mas não atuou em nenhum momento.

15 A metodologia de ensino planejada para o curso foi a da Aprendizagem Baseada em Problemas, que proporciona aprendizagem inovadora, não apenas por meio de conteúdos ou de dados assimilados relacionados, mas, principalmente, com sentido crítico.

sextas-feiras as palestras eram proferidas por profissionais convidados¹⁶, nas terças e quartas-feiras os alunos eram separados em pequenos grupos para análise de textos, estudos de casos e de problemas relacionados aos temas das palestras e, nas quintas-feiras, os alunos apresentavam as suas conclusões sobre as suas pesquisas e debatiam em sala de aula¹⁷.

A escolha dos palestrantes de vários campos do saber visou a interdisciplinaridade fundamental para a formação acadêmica e profissional. Além disso, em sala de aula trabalhamos com filmes, documentários e outros tipos de manifestações culturais ligadas direta ou indiretamente ao âmbito de análise da Graduação em Ciências do Estado. Todo o material foi amplamente divulgado¹⁸, tanto as palestras, quanto os debates sobre os textos, para viabilizar o diálogo entre os alunos e os demais interessados, com o objetivo de alcançar a maior interação com/na disciplina. Buscou-se estimular a criatividade dos discentes para que, futuramente, eles fossem capazes de exercer o papel de liderança e planejamento de políticas e ideias voltadas para as necessidades da sociedade.

Tal como as aulas diferenciadas, pensou-se na avaliação que possibilitasse compreender os alunos muito além de perguntas e respostas. Dessa forma, as avalia-

16 Em sequência de datas, palestrantes e temas, as palestras foram as seguintes: 09/03/2012 – Doutora Isolda Ribeiro (UFMG) – TEMA: Metodologia PBL; 16/03/2012 – Profa. Dra. Miracy Gustin (UFMG) – TEMA: (Re)pensando o Ensino Superior; 23/03/2012 – Fabrício Martins (Sistema Mineiro de Inovação – SIMI); TEMA: Ciência e Inovação; 30/03/2012 – Marília Diniz (Tribunal de Contas do Estado) – TEMA: A atuação dos profissionais de Ciência do Estado e o Tribunal de Contas do Estado; 10/04/2012 – Eduardo Nicácio (Pólos de Cidadania) – TEMA: Ações de Extensão; 13/04/2012 – Caio Clímaco (CACE – Centro Acadêmico de Ciências do Estado) – TEMA: O movimento estudantil; 20/04/2012 – Agnus Silva (Secretaria de Estado do Trabalho e Emprego) – TEMA: Educação para Presos – A Experiência de Minas Gerais; 27/04/2012 – Filipe Mattos (Agência True) – TEMA: Marketing Eleitoral; 04/05/2012 – Tânit Jorge Sarsur (Secretaria de Estado de Saúde) – TEMA: Gestão para a Cidadania – As ações intersetoriais, as parcerias com a Sociedade Civil e a ênfase que o Governo vem dando ao Bem Estar do Cidadão; 11/05/2012 – Maria Clara Oliveira Santos (Mestre pela Faculdade de Direito da UFMG) – TEMA: Partidos Políticos; 25/05/2012 – Eduardo Batitucci (Fundação João Pinheiro) – TEMA: “A Emergência do Profissionalismo na PMMG 1969-2009”; 15/06/2012 – Ronaldo Vasconcellos (Presidente do Partido Verde de Minas Gerais) – TEMA: Políticas de Meio Ambiente; 29/06/2012 – Sandrelise Gonçalves Chaves – TEMA: Instruções sobre o trabalho científico – normas da ABNT.

17 Com pequenas variações e ajustes na programação.

18 Para facilitar a comunicação com os alunos dos Seminários de Capacitação, eu criei o blog scceufmg.wordpress.com, no qual os alunos podiam visualizar toda a organização da disciplina e acompanhar as atividades de cada dia. A página também estava aberta ao público em geral, como espaço de diálogo profícuo e construtivo. Em 2013 a página foi desativada e não foi possível recuperá-la. A sua republicação está em andamento, mas será apenas para guardar a memória do curso.

ções dos Seminários de Capacitação no 1º semestre de 2012 foram compostas por quatro etapas, sendo duas etapas constituídas por trabalhos em grupo e duas por trabalhos individuais. Os alunos foram avaliados por meio da análise do rendimento dos grupos de debates, pela apresentação oral dos grupos, por seus trabalhos individuais realizados em sala e pelo trabalho final individual apresentado nos últimos dias do semestre letivo. Com isso, a avaliação levou em consideração diversos aspectos dos alunos, seja na geração de pesquisas e trocas de experiências com os colegas, assim como na relação com as estagiárias docentes que os acompanhavam, observando-os não apenas como aprendizes, mas como produtores de conhecimento e agentes de transformação.

A atenção esteve voltada ao melhor aproveitamento daqueles que acabavam de chegar à Universidade, já no primeiro período do curso, que por vezes poderia parecer incerto. Mas tudo que foi descrito até aqui, ainda é muito objetivo. O essencial esteve na subjetividade, em cada instante daquela experiência, e não pode ser visto a olho nu.

Lembro-me de ter escrito no primeiro e-mail que enviei para a turma: “[...] estejam certos que vocês estão exatamente onde deveriam estar. [...] aqui aprendemos uns com os outros”. Não... Não eram apenas eles que estavam no lugar certo: eu, talvez mais do que qualquer um, também estava. Era o lugar, o momento e as pessoas certas para ter a chance de aprender a ensinar e a ensinar aprendendo. Encontro precioso!

A partir daquele período, a minha pesquisa tomou vida, tanto nos aspectos positivos, como brevemente já relatado aqui, quanto no aspecto negativo ao experienciar como a falta de conhecimento do Projeto Pedagógico do Curso – por parte da comunidade acadêmica – e a pouca (quase nula) interação entre as Graduações – em Direito, em Ciências do Estado e a Pós-Graduação, bem com os cursos de outras unidades da UFMG – dificultava ou inviabilizava a troca e o aprimoramento de saberes. A formação de alunos e professores está muito além do que descrevem os currículos (o Lattes, sobretudo), mas isso parecia não fazer sentido para todos.

Ainda relembro os aspectos positivos e negativos, não posso deixar de ressaltar que naquele mesmo período eu estive ao lado dos futuros Cientistas do Estado para ir contra toda e qualquer forma (ou boato) de encerramento ou desvirtuamento do curso. Eu os defendi (curso e alunos) não só com palavras, mas, principalmente, com a minha pesquisa. Aquele curso que foi pensado a partir da Reestruturação e Expansão

das Universidades Federais, que permite a formação diferenciada dos alunos com conhecimentos de Direito e Humanidades e opção para dois percursos de formação – “Estado Democrático e Contemporaneidade” ou “Democracia e Governança Social” –, que visa a preparação de profissionais com conhecimento amplo não só do funcionamento da estrutura estatal, mas também sobre liderança e planejamento de políticas públicas... que foi a luz em meio à escuridão na qual a reprodutibilidade técnica da Graduação em Direito havia me encoberto. Só por aquele curso, Ciências do Estado, eu poderia (re)pensar as metodologias de ensino e até mesmo de pesquisa e extensão. Não só eu, mas a própria Faculdade de Direito que passou a discutir com mais ênfase a reforma curricular do curso de Direito¹⁹.

E foi assim que o curso de Ciências do Estado contribuiu para a Faculdade de Direito E CIÊNCIAS DO ESTADO, para os alunos, os professores e os estagiários docentes, para a minha carreira, para a sociedade e para todos que de alguma forma ali foram e são (des)envolvidos.

Por fim, mas sem que a história tenha terminado, eu quero lhes contar do convite que recebi no dia 15 de maio de 2015, um dia antes do meu aniversário, por meio do e-mail da Presidente da Comissão de Formatura de Ciências do Estado de dezembro/2015, Laís Lopes Eugênio, que assim dizia: “Os formandos do Curso de Ciências do Estado [...] têm a honra e o prazer de convidá-la para ser Estagiária Docente Homenageada da turma, durante a Colação de Grau [...]”. E ainda completa: “É importante salientar da alegria que nos será proporcionada no comparecimento de Vossa Senhoria na nossa tão esperada formatura.” Os meus olhos se enchem de lágrimas. O meu coração bate mais forte...

Meus queridos (tão queridos) ex-alunos, meus mestres: sou eu é que tenho a honra e o prazer em receber o convite para estar com vocês no dia da merecida Colação de Grau, para celebrar a conclusão da etapa que iniciamos juntos em março de 2012. O convite foi o mais lindo presente de aniversário que já ganhei em toda a minha vida. É com alegria que eu espero o nosso reencontro. É com amor que eu repito, “aqui aprendemos uns com os outros”. Gratidão!

19 Acompanhando as ações do Prof. Dr. Giordano Bruno Soares Roberto e da página no Facebook “Inovar: Reforma Curricular Direito UFMG”, eu recebi a (excelente!) notícia de que estão discutindo o Projeto Político Pedagógico de Curso de Direito e de Reforma Curricular.

6 CONCLUSÃO

A construção do curso de Ciências do Estado sempre foi baseada na participação dos alunos e dos professores vinculados ao curso. O fato do estagiário docente poder caminhar entre esses dois lados mostram que esta diferenciação nada mais é do que formal. No bacharelado em Ciências do Estado o aluno pode ser professor e o professor pode ser aluno.

A presença constante dos estagiários docentes na graduação faz com que o curso se torne mais ainda inovador. Poucos bacharelados na universidade oferecem esta oportunidade de aprendizado intensa para o pós-graduando. Para alguns, esta torna-se a prova de fogo para decidir sobre sua carreira acadêmica, para outros, torna-se o marco para continuar na carreira docente.

Para a grande maioria dos estagiários docentes, o curso de Ciências do Estado veio para ficar. Suas propostas inovadoras de ensino e a liberdade que ele proporciona para que os docentes possam trabalhar com os alunos aspectos críticos que envolvem as Ciências do Estado é única e ao mesmo tempo, exemplar.

Obviamente que o curso precisa evoluir em certos pontos, mas tendo como construtores do curso alunos, professores e estagiários docentes, temos mais chances de acertar, porque somos muitos os que estão trabalhando todo dia por este bacharelado. Conseguimos almejar muitos resultados que vão além da sala de aula e este é um dos grandes incentivos que nos fazem trabalhar ao máximo para a efetiva consolidação do curso de Ciências do Estado.

“RESISTIR E CONSOLIDAR”: HISTÓRIA E TRAJETÓRIA DO CENTRO ACADÊMICO DE CIÊNCIAS DO ESTADO (CACE)

“RESISTIR Y CONSOLIDAR”: LA HISTÓRIA Y LA TRAJETÓRIA DEL CENTRO ACADÉMICO DE CIENCIAS DEL ESTADO (CACE)

João Lucas Ribeiro Moreira¹

Lucas Parreira Álvares²

Thelma Yanagisawa Shimomura³

Vinicius Brener Brandão⁴

RESUMO

O presente artigo se propõe a fazer uma análise histórica da recente, porém intensa trajetória do Centro Acadêmico do curso de Ciências do Estado (CACE) da Universidade Federal de Minas Gerais. Desse modo, nos propomos a uma recuperação do processo de constituição do Centro Acadêmico, bem como uma análise sistemática das gestões que atuaram no CACE desde sua fundação até o ano de 2015, sendo elas: “SuperAção”, “Movimenta”, “Praxis”, “Construção Coletiva”, “COR”, além das perspectivas para a atual gestão do CACE, a “Ubuntu”. Desse modo, o artigo revela o estreito limiar existente entre a atuação estudantil organizada na consolidação e resistência do curso de Ciências do Estado da UFMG.

PALAVRAS-CHAVE: Ciências do Estado; Centro Acadêmico; Movimento Estudantil.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo hacer un análisis histórico de la trayectoria reciente,

1 Graduando em Ciências do Estado, autor do relato sobre a gestão COR.

2 Graduando em Ciências do Estado, autor do relato sobre as gestões Construção Coletiva e Ubuntu.

3 Graduada em Ciências do Estado, autora do relato sobre as gestões SuperAção e Praxis.

4 Graduando em Ciências do Estado., autor do relato sobre a gestão Movimenta.